

Contatos

IFCE – campus de Fortaleza
Av. 13 de Maio, 2081 Benfica CEP: 60.040 – 531
Fone: 3307.3689 /3307.3670

E-mail: mirairaproducao@gmail.com
www.digitalmundomiraira.com.br

 grupomiraira

 grupomiraira

 Grupo Miraira



INSTITUTO FEDERAL
Ceará
Campus Fortaleza

Centro Dragão do Mar
de Arte e Cultura



Experiências compartilhadas em espetáculos

1982 - Nossas Raízes
1983 - Folclore - A Sabedoria Popular
1984 - Dia do Folclore - O Show
1985 - Nossas Raízes (reprise)
1986 - Faça Sol, Faça Chuva... Sempre Ceará
1987 - Viajando pelo Brasil
1988 - Resgate da Cultura Negra e Vida de Negro em Brasil Negro
1989 - Folclore - A Sabedoria Popular (reprise)
1990 - Ceará, Minha Terra
1991 - Rincão Gaúcho e Ceará, Minha Terra (reprise em Foz do Iguaçu)
1992 - Ceará, Terra da Luz
1995 - Nordestinagem
1996 - Mira Brasil, Dançar, Cirandar, Era uma certa vez...
1997 - Pedacos de Mim
1998 - Encanto Cearense
1999 - Mira Brasil
2000 - Bailados
2001 - Bucho chei de Ceares
2002 - Folia
2006 - Irmãos, fuertes hermanos.
2007 - Ceará: Força, Fé e Festa
2009 - Asas para voar
2012 a 2014 - Guerreiros, santa folia festeira.

Ficha Técnica

Direção geral: Lourdes Macena

Direção musical: Nonato cordeiro

Arranjos e direção de ensaios musicais: Nonato Cordeiro e Lucivanda Silva

Pesquisa, criação e montagem: Lourdes Macena

Direção de ensaios: Circe Macena

Coreografias: Lourdes Macena e o grupo

Figurino (criação): Lourdes Macena e o grupo

Adereços: Herbeson Munhoz e o grupo

Roteiro e texto: Lourdes Macena e poesias de Oswald Barroso

Imagens, vídeos: Jael Brito (Enquadro filmes). Slides: Kelson Moreira

Organização instrumental/vocal: Letícia Rodrigues e Raquel Oliveira

Diretores de figurino: Dé Monteiro, Tomaz Lima, Adeline Mendes, Alice Silva.

Iluminação: Jociel Carvalho

Dançarinos e atores: Dé Monteiro, Renê Souza, Bruno Gomes, Leo Silva, Vitor Ribeiro, Felipe dos Santos, Gilberlan Menezes, Marco Candéia, Herbeson Munhoz, Rony Cardoso, Tomaz Ricardo, Wesdey Freitas.

Dançarinas e atrizes: Circe Macena, Nayana de Castro, Naira Macena, Nayana Castro, Adeline Mendes, Alice Rocha, Izaura Lila, Esther Soares, Marina Soares, Áyla Brito,

Músicos: Nonato Cordeiro, Lourdes Macena, Lucivanda Silva, Ricardo Alisson, Caetano de Moraes, Gabriel Brandão, Leudo Duran, Anderson Macena, Vitor de Lima, Fabrício Maciel, Marcos Cortez, Letícia Rodrigues, Anderson Almeida, Rayna de Sousa, Raquel de Paula, Camila Passos.

Compartilhando experiências: pelo interior do Ceará

- 1986 – Tianguá
- 1987 – Trairi
- 1989 – Pacatuba
- 1990 – Pentecoste
- 1991 – Maranguape, Trairi e Ubajara
- 1994 – Pedra Branca, Icó
- 1995 – Icapuí, Pacatuba, Piracima
- 1997 – Quixelô e Trairi
- 1999 – Cedro
- 2000 – Santana do Acaraú
- 2001 – Pentecoste e Chorozinho
- 2002 – Apuiarés e Tianguá
- 2007 – Pacatuba e Icapuí
- 2008 – Pentecostes
- 2009 – Chorozinho, Barbalha, Trairi, Paracuru, Itapipoca, Maracanaú
- 2012 – Sobral
- 2012 – Limoeiro do Norte
- 2013 – Cascavel
- 2014 – Cedro, Quixadá



Compartilhando experiências em outros estados brasileiros:

- 1991 – Foz do Iguaçu – Paraná
- 1993 – Terezina – Piauí
- 1994 – Moreno – Pernambuco
Recife – Pernambuco
- 1995 – Recife – Pernambuco
- 1997 – Teresina - Piauí
Parnaíba – Piauí
- 1998 - Cajazeiras – Paraíba e Teresina/Piauí
- 2000 - Belém – Pará e Teresina/Piauí
- 2003 – Serra Talhada/PE e Teresina/Piauí
- 2006 – Natal – Rio Grande do Norte
- 2009 – Brasília
- 2009 – Vitória – Espírito Santo
- 2011 – Goiânia (Goiás)

Guerreiros, santa folia festeira foi inspirado em dois textos de Oswald Barroso ("Guerreiros" e "Santa folia festeira") oriundos da passagem do autor como cronista do jornal O Povo. Eles, os textos, evidenciam a criatividade dos mestres guerreiros da vida comum, que com generosidade, apesar do que sofrem, buscam na festa e na fé cotidiana os elementos para sua resistência. Utilizando-os como matriz norteadora, nosso processo criativo passeou por muitos lugares brasileiros e latinos, identificados territorialmente por meio de suas danças, músicas, ritos e outros fazeres. As imagens foram selecionadas para contribuir com nosso público a fazer esta viagem de passear por eles, com eles, conosco por meio de tudo que suas danças trazem.

1. **Brincantes** – Trechos da poesia "Reisado" do dramaturgo cearense Oswald Barroso.
2. **Reis do Cariri** – Experiência cênica e sonora com elementos dos reisados cearenses.
3. **Chico Rei, Moçambiqueiros/congadeiros** – devotos dançantes
O que temos aprendido com eles é que quem canta e dança para seu santo reza duas vezes. Nessa experiência aprendemos, no corpo, pelo tambor, na batida do bastão, as várias formas de resistência negra espalhadas em nosso país, mantidas em várias comunidades onde a coroação dos Reis Negros a cada ano se consolida.
4. **Segredos do Cerrado** – Mestre Arnaldo nos ensinou as cantigas da sombra e da claridade do Cerrado brasileiro e de sua viola de Cocho.
5. **Catira** – História de tradição (Zé Núcias e Geraldo Viana) – o som do berrante, o bate pé e palmeio nos aproxima dos guerreiros do Centro-Oeste do nosso País.
6. Poesia **Altars sertanejos** – Oswald Barroso
7. **Dança a São Gonçalo** - Mussuca (SE) – Aprendemos e experimentamos com eles que, quando a dança é a reza dedilhada com alegria e fé, o corpo se comunica com o cosmos sagrado para agradecer.
8. Poesia **A terra é naturá** – Patativa do Assaré
9. **Candeeiro Encantado** – Lenine – a luta por terra e por justiça social que deu sentido ao cangaço e aos cangaceiros (Reflexões urgentes).
10. **Pelos caminhos da América** – Essa música do cearense Zé Vicente aborda nossa latinidade, percorre em caminhos diversos essa América forte e criativa, evidenciando nossas dores e nossa resistência na luta por uma vida melhor e por um ensino de Artes de qualidade para todos.
11. **Marinera (s)** – A gestualidade desta dança ressalta uma mensagem amorosa implícita, sintetizando a alma mestiça peruana. Com ela ressaltamos a urgente e necessária presença de afetos e afagos para uma vida mais humana e amorosa.
12. **Brincantes** – trecho da poesia Guerreiros de Oswald Barroso.
13. **Guerreiro Alagoano** – AL – entre fitas, lantejoulas, tropé e muito bailado, se conta a história de reis, rainhas e o amor de Lira, Peri e seus caboclinhos. Agradecimento a Benedito Fonseca que nos ensinou tudo o que sabemos sobre fazeres e saberes desta Alagoas amada.
14. **Índios, guardiões da Amazônia** – terra mãe
Experiência sonora e cênica sobre os rituais dos povos da floresta. Nela nosso reconhecimento pela coragem da arte nas escolas-barcos dos que adentram na floresta para levar conhecimento e Arte. Recriação inspirada nas lendas e em rituais dos índios brasileiros.



- Poema
- Foi Boto Sinhá (Waldemar Henrique)
- Poema
- Ritual Wari: inspirado nos ritos dos Pakaa Nova do grupo Txapakura (RO). Música do grupo Garantido (2006).

15. Final: **Toada amazonense** (1995) povos guerreiros da grande floresta



Educando para diversidade

Mira Ira é o nome fantasia de uma atividade multidisciplinar, funcionando no campus de Fortaleza do IFCE em forma de laboratório, onde se desenvolvem várias ações possibilitando experiências em artes cênicas e musicais com matrizes estéticas da tradição.

É um Laboratório híbrido, estando no Ensino, Pesquisa e Extensão do IFCE desde 1982 e trabalhando em prol do conhecimento, reconhecimento, difusão e dinamização da cultura popular e tradicional brasileira, principalmente no que diz respeito aos usos e costumes do povo cearense.

Esta ação contínua tem favorecido em 36 anos outras iniciativas no IFCE como:

- Grupo de estudos e Pesquisa em cultura Folclórica, cadastrado no CNPQ desde 2003;
- Pós-Graduação em cultura Folclórica Aplicada;
- Digitalmundomiraira – ambiente virtual que colabora com ações pedagógicas para o Patrimônio Imaterial Cearense;
- Participação em ações culturais de difusão e reconhecimento junto às escolas públicas de ensino fundamental, médio, superior e comunidade em geral.

Coordenação:

Lourdes Macena - Doutora em Artes, coordenadora do Mestrado profissional em Artes do IFCE, professora de Danças Dramáticas, Teatro e Cultura Popular; licenciada em Música.

Nonato Cordeiro - Doutor em Artes, etnomusicólogo, licenciado em Música, professor do Curso em Instrumento musical do IFCE.

Repertório



Experiências artísticas aprendentes com danças, folguedos, ritmos, músicas, teatro popular, religiosidade, rituais e outros usos e costumes.

Experiências de criação com danças, folguedos e ritmos cearenses:

São Gonçalo – Maneiro Pau, Leruá – cocos – Cana-verde, Pau de Fitas – Maracatu – Baião – Marcha – Pastoril - Bumba-meu-boi - Reisado(s) – Fandango - Quadrilha.

Experiências de criação com outros saberes tradicionais;

Pisa no pilão – suíte Cearense – Vaqueiro – Vaquejada – festejos.

Experiências de criação com danças brasileiras

Quilombo – Maxixe - Frevo – Candomblé – Araruna-Lundu – Balainha – Carimbó – Siriá – Xaxado – Pastoril - Boi do maranhão – Guerreiro Alagoano – São Gonçalo de Laranjeiras - Cavalo Piancó – Caboclinhos – Maracatu - Chimarita – Pezinho – cana Verde – Anu – chula - Maçanico – Tirana do Lenço- Tatu com volta no Meio – dança do facão – rancheira de Carreinha – rilo – Jongo - Cacuriá sarrabalho – Carangueijo – Quero Mana – Preta da Angola – Jacundá – Cacuriá, Ciranda de Tefé, Retumbão.

Experiências de criação com danças internacionais

Sombrero - Square dance - Quadrilha Francesa - Can-can - Tango - La cueca – Sanjuanito - La Marinera – Chacareira – Huayno – Bailecito.

Principais linhas teóricas de abordagem

Paulo Freire¹ - Práxis libertadora pela pedagogia da autonomia e da esperança
As danças e músicas tradicionais populares, são práticas comunitárias de grupos sociais que se encontram em espaços territoriais urbanos ou rurais, porém desprovidos geralmente de políticas públicas socioculturais e educacionais a que têm direito e também, de certa forma, ausentes do circuito artístico cultural da cidade. No entanto, a despeito do que lhes é negado, estes grupos vivem em permanente movimento de produção, seja no que diz respeito a aspectos específicos para sua sobrevivência (morar, comer, utilizar, dormir, locomover-se) como também na produção estética, artística, com os elementos ancestrais que lhes foram dados, para criação constante em brincadeiras que lhes servem de construção de afetos, para afagos da alma inquieta em meio ao turbilhão do que a vida lhes exige.

Boaventura Santos² - Ecologia dos Saberes e sociologia das ausências e Homi Bhabha – O local da cultura

O contexto real do fazer dos saberes tradicionais enquanto prática artística inexistente diante do “cânone hegemônico do saber exclusivo de produção de conhecimento ou de criação artística” onde “tudo o que o cânone não legitima ou reconhece é declarado inexistente”. Diante disso, ou as comunidades se submetem ou nunca aparecem ou entram no circuito.

Por isso nossas experiências se utilizam de matrizes estéticas dos saberes tradicionais buscando evidenciar grupos sociais numa relação constante com a práxis libertadora de Freire e com a Ecologia dos Saberes de Santos; assim essa prática artística, além do que incide enquanto arte, pode favorecer um conhecimento transformador dos paradigmas que até então envolveram e envolvem esses grupos. A ecologia do reconhecimento em saberes tradicionais nos chama a atenção para a necessidade de articular a diversidade dessa prática por meio da identificação de sua tipologia plural e heterogênea distinta dos saberes formais de modo a promover interações sustentáveis como prática artística educativa.

Ecologia do reconhecimento - Nosso tambor, nosso som, nosso corpo, nossos gestos falam de suas demandas, de sua luta cotidiana e buscam contribuir principalmente como mais uma voz que fala deles; e pela poética da arte evidencia sua existência, seu processo criativo, sua arte e suas necessidades para sustentabilidade do fazer.

Cecília Londres³, Elizabeth Travassos⁴, Roque de Barros Laraia⁵ -- Patrimônio Imaterial.

O Patrimônio Imaterial brasileiro - recomendações da UNESCO e leis brasileiras: a salvaguarda do saber pelo fazer constante, o registro pelo estudo e pesquisa e a educação patrimonial pela alegria do festivo, pela poética da fé e do rito, do que aprendemos cotidianamente no contato com os mestres e suas práticas. O registro, o repasse a salvaguarda pelo rito de aprender, ensinar, aprender e repasse pela arte, pelas tecnologias contemporâneas, pelo contato como um fio que se desenrola sem fim.

¹FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança*. 15ª ed. São Paulo: Paz e Terra: 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

²SANTOS, Boaventura S. O Fórum Social Mundial: manual de uso. Madison, Dezembro de 2004. 14 – 27. (154p.) Disponível em <http://www.boaventuradesousasantos.pt/documentos/fsm.pdf>. Consultado em 2 de setembro de 2013.

³LONDRES, Cecília. *Referências culturais: Base para novas políticas de patrimônio*. In: **O registro do Patrimônio Imaterial**. Brasília: IPHAN, 2000.

⁴TRAVASSOS, Elizabeth. Recriações contemporâneas dos folguedos tradicionais: a performance como modo de conhecimento da cultura popular. In: TEIXEIRA, J. Gabriel; GARCIA, M. Vinícios; GUSMÃO, Rita, et. al. (org.). *Patrimônio Imaterial, performance cultural e (re)tradicionalização*. Brasília: ICS-UnB, 2004. 110 – 116.

⁵LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 20ª. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.